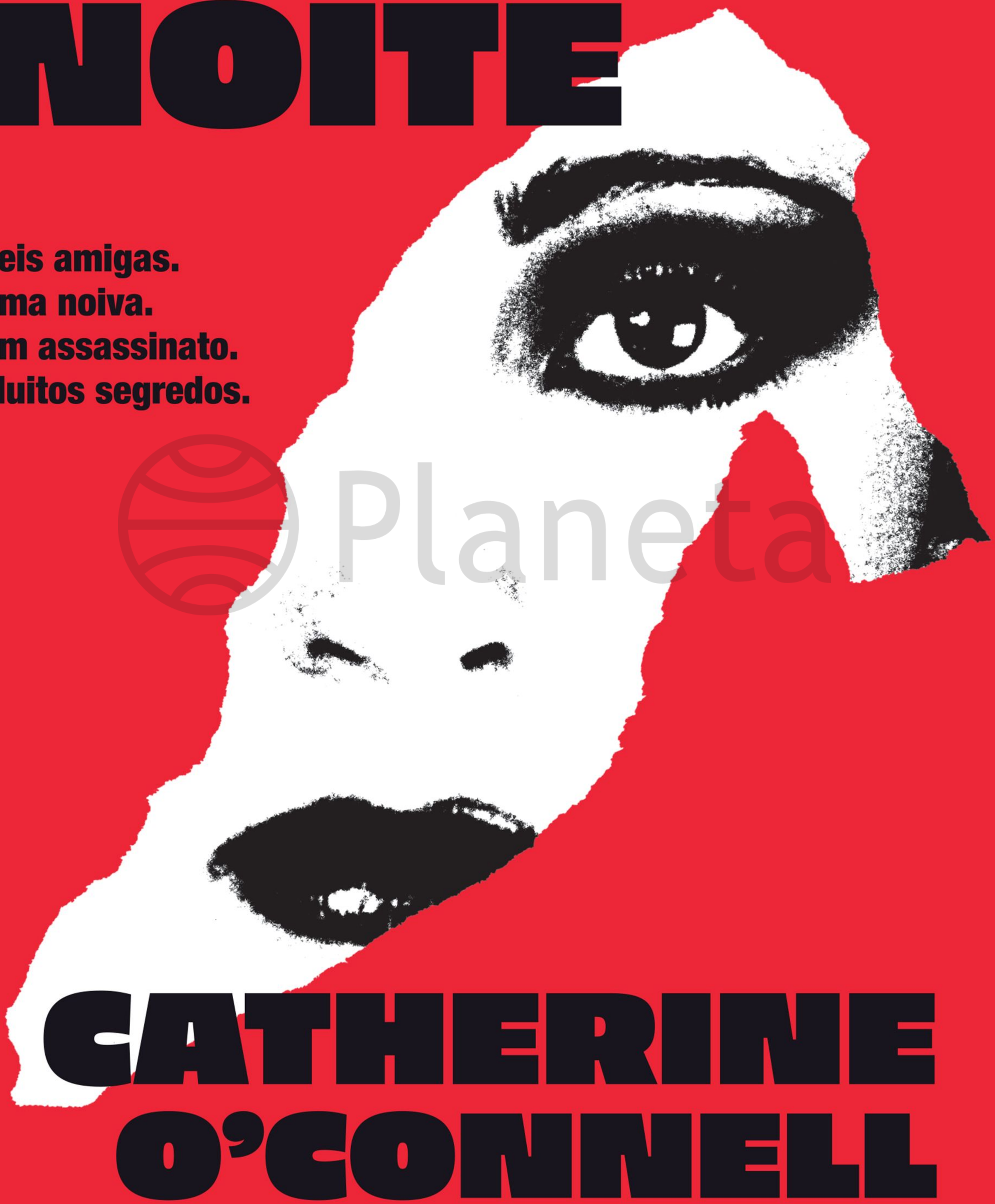
A ÚLTIMA NOITE



Seis amigas.
Uma noiva.
Um assassinato.
Muitos segredos.

Planeta

CATHERINE O'CONNELL

Planeta

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA

A ÚLTIMA NOITE

CATHERINE O'CONNELL

Tradução
Marcia Men

Planeta

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA

Copyright © Catherine O'Connell, 2018
Copyright © Editora Planeta do Brasil, 2022
Copyright da tradução © Marcia Men
Todos os direitos reservados.
Título original: *The Last Night Out*

Preparação: Fernanda Cosenza
Revisão: Andréa Bruno e Franciane Batagin
Diagramação: Márcia Matos
Capa: Túlio Cerquize
Imagem de capa: izusek / iStockphoto

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

O'Connell, Catherine
A última noite / Catherine O'Connell; tradução de Marcia Men. - São Paulo: Planeta, 2021.
320 p.

ISBN 978-65-5535-579-6
Título original: The Last Night Out

1. Ficção norte-americana 2. Crime - Ficção I. Título II. Men, Marcia

21-5223 CDD 813

Índice para catálogo sistemático:
1. Ficção norte-americana

Planeta

Ao escolher este livro, você está apoiando o manejo responsável das florestas do mundo

2022
Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA PLANETA DO BRASIL LTDA.
Rua Bela Cintra, 986 – 4º andar
01415-002 – Consolação
São Paulo-SP
www.planetadelivros.com.br
faleconosco@editoraplaneta.com.br

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA

Atualmente

Estou sentada sozinha na tenda musical, lá atrás, longe de todos. A chuva tamborila o teto do pavilhão, abafando os acordes atonais do concerto para piano de Schoenberg. A música dissonante me faz pensar em como a imperfeição pode ser linda. Um jovem violoncelista entra correndo, atrasado, e se espreme até seu lugar na orquestra. A mudança no comportamento do maestro é quase imperceptível, mas fica claro que ele tomou conhecimento do atraso. Será esse um erro capaz de comprometer a carreira do músico? É bem provável que sim. Música é uma área competitiva.

Eu me pergunto quantos destinos já dependeram de momentos constrangedores como esse: quantas vidas foram alteradas de maneira indelével por um único equívoco? Seja por escolha ou por recusa, as consequências do rumo alternativo podem ser terríveis. Eu reflito sobre como minha vida poderia ter sido, não fosse meu grande equívoco. Bem diferente, tenho certeza.

Existe certo conforto em saber que não fui diretamente responsável pela morte de Angela. Embora mais de um quarto de século tenha se passado, aquela noite ainda se infiltra em meus pensamentos com uma frequência indevida. E, quando penso em como minha vida se transformou na esteira dos fatos, sempre há uma pontada de culpa.

A chuva para exatamente quando a música chega a um final arrebatador. A orquestra se levanta para receber os aplausos estrondosos, o violoncelista atrasado fica de pé com os outros. Algo em seu atraso me atraiu, e a percepção me atinge com um lampejo. Não é tarde demais para contar a história. Nunca é tarde demais para expor a verdade. Eu me afasto para fora da tenda antes da multidão e atravesso o estacionamento apressadamente até meu carro. Enquanto dirijo para casa, com os picos das majestosas Rochosas elevando-se dos dois lados do caminho, já estou reunindo as palavras. Quando chego em casa, elas já estão prontas para assumir seus lugares.

Planeta

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA

Então proponho que você viaje comigo de volta a uma noite quente e úmida de Chicago em junho de 1988. Transformações estavam em andamento, mas ninguém podia imaginar quão profundas elas eram. A música disco dava seu último suspiro, homens e mulheres usavam cabelos compridos nas laterais e curtos em cima, os jeans eram estonados e tinham cintura alta. Só a Cher e pessoas que moravam em trailers tinham tatuagens. Os gays estavam apenas começando a sair do armário, enquanto a aids já era uma epidemia. Computadores eram uma inovação para qualquer um fora da indústria, o e-mail mal existia, mensagens de texto eram coisa de ficção científica, e, se alguém tivesse um telefone celular, era quase do tamanho de um sapato. A tecnologia telefônica mais moderna era o botão de rediscagem. Como mulheres, fomos a primeira geração a priorizar a carreira, finalmente livres, financeira e sexualmente. Mas, com nossos papéis ainda sendo questionados em um mundo masculino, frequentemente nos acomodávamos por muito menos.

Esse é um retrato de Chicago quando essa história começou. Embora eu possa responder pelo meu papel, você, o leitor, deve aceitar as liberdades que tomarei ao me colocar no lugar dos outros. Embora possam haver imprecisões em minha interpretação dos acontecimentos, suspeito que, no final, minha história estará próxima da verdade.

Margaret Mary Trueheart
10 de julho de 2013

Planeta

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA

UM

14 dias antes do casamento

Sábado, 11 de junho de 1988

Acordei com o telefone tocando e uma sensação péssima, nauseante, de que não estava sozinha. Deitada de lado encarando a parede, não havia como negar o calor irradiando de outro corpo sob meus lençóis de grife. Eu lembrei que Flynn estava viajando. Uma reprise frenética da noite anterior não trouxe nada além de imagens dispersas. Definitivamente, eu ainda estava bêbada.

O telefone tocou seis vezes antes da ligação cair na secretária eletrônica e o som da minha voz ecoar pelo corredor vindo da sala de estar. *Oi, aqui é a Maggie. Você sabe o que fazer e quando fazer.* A gravação deu lugar a um sinal de ocupado. O telefone recomeçou a tocar. Mais uma vez, ao som da minha voz seguiu-se o de alguém desligando. Quando isso aconteceu pela terceira vez, percebi que quem estava ligando não iria desistir. Relutantemente, virei-me de barriga para cima para alcançar o telefone, mas minha mão congelou no meio do caminho. Era o carpinteiro. O de uniforme azul, mas sem o uniforme. Ele sorria para mim, o sorriso esculpindo covinhas em forma de parênteses em suas bochechas bronzeadas. A náusea percorreu, da cabeça aos pés, meu corpo extremamente nu.

— Parece que alguém quer muito falar com você — disse ele.

Levando um dedo conspirador à boca e prometendo fazer silêncio, ele tirou o fone do gancho e o estendeu para mim, o fio abrindo um caminho espiralado entre os pelos embolados de seu peito. Horrorizada, tirei o telefone da mão dele e levei o bocal bem perto do meu rosto, protegendo-o com a mão, temendo que meu visitante pudesse fazer alguma coisa que entregasse sua presença, como tossir ou falar ou, Deus me livre, soltar a emissão ruidosa tão comum à espécie masculina nas horas matutinas.

— Alô — resmungou uma voz que dificilmente seria reconhecida como minha.

Planeta

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA

— Maggie, ah, Maggie, sou eu, Suzanne. — As palavras dela transbordavam alívio. — Graças a Deus você chegou bem em casa.

Isso, pensei, *é uma questão de opinião.* Meus olhos recaíram de novo sobre meu hóspede. Ele tinha se colocado bem à vontade em seu lado da minha cama, a cabeça cacheada aninhada entre as mãos, os cotovelos abertos como asas. Ainda exibia um sorriso convencido, não exatamente o carpinteiro tímido de New Hampshire da noite anterior.

— É claro que cheguei bem em casa — menti. Meus olhos voaram para o relógio. O display digital me dizia que eram sete e quarenta e oito. Não era tão cedo assim, mas ainda um horário incivilizado para um telefonema em pleno sábado depois de uma noitada na sexta, mesmo vindo de uma pessoa madrugadora como Suzanne. Em uma tentativa inútil de soar irreverente, perguntei: — E aí, que negócio é esse de ligar de madrugada?

Uma breve hesitação e então:

— Eu não sei como dizer isso de outro jeito, Maggie. É a Angie. Ela morreu.

As palavras estalaram no meu cérebro confuso como um chicote, fazendo eu me sentar de súbito na cama, meus seios nus expostos conforme os lençóis caíam. Puxei os lençóis de volta até o queixo com uma modéstia atrasada. Agora era um pouco tarde para isso.

— Isso é uma piada, né? — Porém, enquanto a pergunta escapava dos meus lábios, eu já sabia que era desnecessária. Suzanne Lundgren era a pessoa com menos chance no planeta de fazer uma piada de qualquer tipo, ainda mais uma tão sombria.

— Eu queria que fosse. — A angústia era evidente em sua voz. — Kelly acabou de ligar da delegacia. Angie foi assassinada. Encontraram o corpo dela no Lincoln Park hoje cedo.

— Kelly? — Aquilo não fazia sentido. Pilhas de dúvidas se acumulavam na minha mente, mas, no meu estado prejudicado, as perguntas mais lógicas não estavam vindo à tona. Em vez de perguntar sobre Angie, eu disse: — E o que a Kelly tem a ver com isso?

— Evidentemente, ela tinha saído para sua corrida matinal e deu de cara com a cena do crime — respondeu Suzanne. — Ela está na delegacia da Área 3. Eles a levaram até lá para interrogá-la sobre Angie, eu acho.

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA

— Mas isso é impossível. Estávamos juntas até... — Olhei de novo para o relógio: — cinco, seis horas atrás? Você não a levou para casa?

Dessa vez Suzanne perdeu o controle, as palavras saindo em arfadas sem fôlego.

— Maggie! É claro que eu a levei para casa. Depois que deixamos você, eu a enfiei num táxi e a levei direto para casa. Fiz o motorista ficar lá esperando até ela entrar. Eu a vi fechar a porta.

Fragmentos da noite começaram a voltar como peças de quebra-cabeça embaralhadas: Angie na pista de dança, com uma calça preta e uma blusinha vermelha decotada, o grosso cabelo preto cobrindo seu rosto em uma cortina escura, os quadris amplos balançando, provocantes, sobre saltos altos vermelhos. Angie apoiada contra o bar neon, a língua em um copinho vazio. Angie tentando ficar de pé sobre pernas que pareciam ser feitas de gelatina.

— Escuta, eu não posso falar mais nada. Isso é tudo que eu sei — disse Suzanne, a voz apertada de dor. — Kelly prometeu ligar com mais detalhes assim que chegasse em casa. Enquanto isso, você pode ligar para a Carol Anne? Eu simplesmente não consigo.

— Sim, claro — murmurei. A ligação caiu.

Fitando o fone em minha mão como se fosse um objeto desconhecido, lutei para aceitar o que tinha acabado de acontecer. Certamente eu não estava enfrentando o caráter definitivo da morte de uma amiga. Isso tinha que ser algum pesadelo estranho. Exatamente como o homem estranho me encarando. Ele também fazia parte do pesadelo. Eu fecharia os olhos e o mundo voltaria ao normal de ontem. Angie estaria viva e eu estaria sozinha em minha cama, e a pior coisa que teria acontecido seria uma ressaca daquelas.

Fechei os olhos com força.

Entretanto, quando tornei a abri-los, ele ainda estava ali, sua presença quase tão perturbadora quanto o assassinato de Angie. Seu sorriso havia desaparecido e seu rosto carregava uma preocupação genuína. Ele estendeu a mão e tocou gentilmente meu rosto.

— Está tudo bem?

— Houve um acidente — falei, aturdida demais para chorar, sem a menor vontade de dividir meu luto pessoal com esse desconhecido. — Você precisa ir embora agora.

Planeta

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA

Escolhendo ignorar meu pedido, ele estendeu a mão e afagou meu rosto, roçando as costas da mão por meu maxilar. Contive um estremecimento involuntário. Havia certo poder nas mãos dele, e me lembrei de ter ficado obcecada com elas na noite anterior. Elas eram grandes e fortes, com juntas bem definidas e calos conquistados a duras penas, resultado de horas de trabalho físico honesto. Mãos tão diferentes das de Flynn. As mãos de Flynn eram sedosas e macias, com dedos longos e estreitos e unhas livres de cutículas, mãos que poderiam carregar um taco de golfe ou uma raquete de tênis, mãos de uma camada social totalmente diferente.

— Você é tão linda — dizia ele, sua carícia migrando para a pele sensível do meu pescoço. — Tão linda.

Pedaços que faltavam começaram a emergir da nuvem de vodca. Dança ao som de Cindy Lauper na boate The Overhang, entrar em uma caminhonete branca, nós dois banhados de amarelo sob a luz do poste em frente ao meu prédio. Contudo, muito do quebra-cabeça continuava vazio. Com o transe onírico do álcool se apagando e sem a cobertura protetora da noite, eu estava nua na luz da manhã. Eva encarando a maçã. Pensei em Flynn e meu coração desabou para o fundo do meu estômago. Então pensei em Angie e meu coração se afundou ainda mais.

Aparentemente alheio ao meu conflito, o carpinteiro trouxe seu rosto até o meu e me beijou de leve nos lábios.

— Não — protestei, afastando-me.

Sem prestar atenção à minha tentativa de virtude, ele deslizou uma das mãos para a base das minhas costas e me puxou mais para perto. Tão perto que eu podia sentir o calor emanando da superfície plana de seu torso. Ele pressionou os lábios sobre meu queixo, meu nariz, minha boca.

— Não — repeti, tentando invocar alguma convicção enquanto os lábios dele continuavam sua peregrinação para a parte de trás da minha orelha.

Em um mundo perfeito, o meu "eu" bom teria sentido repulsa pela simples presença dele. Em um mundo perfeito, o meu "eu" bom teria lhe dado um belo tapa e saltado da cama. Em um mundo realmente perfeito, esse homem nem estaria aqui, para começo de conversa.

É um mundo imperfeito.

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA

Estava tudo errado, tudo errado. Como pude trair meu noivo assim? Como podia sequer pensar em sexo quando deveria estar lamentando a morte de uma amiga? Mas algo primitivo tinha se acendido lá no fundo, sobrepondo-se ao luto e à culpa e à tristeza, tomando meu "eu" racional como prisioneiro. Meu corpo estava se voltando na direção dele. Eu não quis nem fingir que estava lutando contra aquilo. Queria ser abraçada por ele, enterrar meu rosto em seu peito, permitir que ele se enterrasse em mim.

Eu o beijei com hesitação a princípio e depois sofregamente, abrindo minha boca para aceitar a dele. Ele me empurrou para o colchão e em pouco tempo estávamos rolando na cama, nossos corpos pressionados juntos. Os movimentos ficaram mais intensos e estávamos à beira do inevitável quando uma centelha indesejada brilhou nos recessos do meu cérebro. Eu o agarrei pelos quadris e o contive pouco antes de me penetrar. A respiração dele saía em ofegos desesperados e seus olhos cor de café encontraram os meus.

— Você sabe se eu usei meu diafragma ontem? — arfei.

Seu olhar vazio respondeu minha pergunta. Suspirei e o afastei de mim. Se houvesse algum momento para conter essa insanidade, era aquele. Mas a sanidade não prevaleceria. Eu era uma mulher possuída.

Enfiei a mão na mesinha de cabeceira e puxei de lá meu diafragma, rapidamente empurrando o domo de confiança para o exato lugar em que ele devia ficar, exorcizando o pensamento de que ele deveria ter estado nesse mesmo lugar na noite anterior. E então, como se não tivesse ocorrido nenhuma interrupção nas atividades, ele já estava ao meu lado de novo. Não havia nenhuma noção de tempo, nenhuma consciência do passado, nenhum medo do futuro. O presente era a única coisa a ser considerada, um presente muito irresistível. Eu me rendi a ele, abandonando a consciência e adentrando aquele território onde não existe nada além de você e do outro corpo, e milhões e milhões de terminações nervosas disputando furiosamente um espaço.

Planeta

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA